

ANTONIO GARCIA FILHO: MÉDICO, PROFESSOR E ENTUSIASTA DA REABILITAÇÃO FÍSICA E DA MEDICINA EM SERGIPE (1941-1999)

PATRÍCIA DE SOUSA NUNES SILVA*
RICARDO RABELO ROCHA**
RAYLANE ANDREZA DIAS NAVARRO BARRETO***

INTRODUÇÃO

A produção brasileira de estudos biográficos realizadas por historiadores da educação amplia as oportunidades de pesquisadores elaborarem trajetórias de vida de docentes e intelectuais da educação, ao mesmo tempo em que permite ir ao encontro de um tempo e de espaços identificadores de práticas sociais e culturais expressas em pensamentos e ações sociais. Neste sentido, o presente artigo se propôs a compreender a trajetória do intelectual Antonio Garcia Filho dentro dos aspectos da história da profissão docente no ensino superior em Sergipe, principalmente na área da medicina, em especial quando criou o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”.

Através de pesquisa biobibliográfica, dos pressupostos da Nova História e da concepção de intelectual do francês Jean François Sirinelli buscamos entender a trajetória do médico e professor sergipano Antonio Gracia Filho, considerando como marco temporal o período de 1941, quando se formou em medicina e 1999, ano de seu falecimento. Segundo Sirinelli (1996) a noção de intelectual remete a uma questão de qualidade humana, existindo um caráter polimorfo e polifônico, ou seja, de compreensão e de extensão da noção, que podem recair em dois significados do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais e a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento.

* Graduada em Educação Física pela Universidade Tiradentes; pós graduanda em Psicomotricidade pela Faculdade Pio Décimo; Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes e membro do GPHPE (Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais)/UNIT e bolsista da FAPITEC.

** Graduado em Educação Física pela Unit, Especialista em Metodologia do ensino pela Universidade Federal de Sergipe, Mestrando em Educação pela Universidade Tiradentes e membro do GPHPE (Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais)

*** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Mestre em Educação e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora PPG 1 da Universidade Tiradentes.

Ademais as pesquisas em geral são motivadas por curiosidades, questionamentos e necessidades de respostas. Esta não foi diferente. Ela foi motivada pela necessidade de responder as seguintes perguntas: como se deu a trajetória política e social de Antonio Garcia Filho? Como elucidar seu espírito científico e literário? Como compreender aspectos significativos da configuração do seu trabalho nas áreas docente, política e médica e de que forma contribuíram para a sociedade sergipana? Segundo Le Goff, o estudo dos grandes feitos, grandes acontecimentos e dos grandes personagens que mudaram o curso da história são essenciais para se compreender a sociedade, mas não são os únicos meios. A Nova História Cultural vem nos mostrar que a História pode ser mais objetiva, através do estudo das pessoas comuns, seus hábitos, costumes, crenças e mentalidades.

1- ANTONIO GARCIA FILHO: TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Para compor os traços biográficos do médico e professor Antonio Garcia subsidiei-me com as obras de alguns autores sergipanos, a exemplo de Antônio Samarone de Santana, Eduardo Antonio Conde Garcia, Lúcio Antônio Prado Dias, Luiz Antonio Barreto, Osmário Santos e Petrônio Andrade Gomes.

Em 2009 foi lançado um livro intitulado de “Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX”, tendo como autores Antônio Samarone de Santana, Lúcio Antônio Prado Dias e Petrônio Andrade Gomes. A obra traz centenas de registros biográficos de médicos que nasceram ou atuaram em Sergipe nos séculos XIX e XX com o objetivo de resgatar e preservar a história da Medicina em Sergipe.

A obra de Osmário Santos (2002), “Memórias de políticos de Sergipe no século XX” também foi de suma importância tendo em vista a apresentação da vida das mais destacadas personalidades da política sergipana. Em entrevista cedida ao autor do livro, Antonio Garcia declarou: “Eu era prestigiado pelos intelectuais e me considero um deles” (Santos, 2002:116). No decorrer de sua entrevista, afirma “Tenho um livro escrito: A Reabilitação de Sergipe, mas minha vida não merece um livro, pois eu tenho a vida de um cidadão simples” (ibidem:117). Mesmo diante da sua concepção de “intelectual” e “cidadão simples”, Antonio Garcia é considerado uma personalidade que muito contribuiu para o desenvolvimento de Sergipe, em vários segmentos, graças ao

seu “talento, vontade e força política”, características atribuídas por seu filho Eduardo (CONDE GARCIA, 2008:35).

No entanto, seu filho Eduardo Antonio Conde Garcia, testemunha ocular dessa história, lançou um livro em 2008, intitulado “Antonio Garcia Filho e a Faculdade de Medicina de Sergipe: criador e criatura”. A obra é mais que um depoimento, um capítulo de história, um registro marcado pela cronologia. É um exercício justo de emoldurar o pai como personalidade multifacetada, podendo ser olhada sob diversos ângulos e em cada um deles observar sua singularidade, sendo, contudo, plural.

O pesquisador e jornalista, Luiz Antonio Barreto, também publicou um livro em 2007. Intitulado “Personalidades Sergipanas”, reúne 40 biografias de intelectuais, políticos e empresários, onde contextualiza a história de vida dos biografados, além dos dados essenciais, como data e locais de nascimento e morte, filiação e formação, assim como fatos pitorescos e curiosidades da vida desses ilustres personagens. O autor afirma que a partir de biografias, pesquisadores recuperam informações de interesse da história e da cultura, ampliando o conhecimento e compreendendo melhor as relações sociais fixadas ao longo do tempo.

Tais obras, para além de um olhar aguçado sobre as atuações de Antonio Garcia Filho, permitiu colher seus traços biográficos. Antonio Garcia Filho nasceu em 29 de maio de 1916, na cidade sergipana de Rosário do Catete, sendo filho de Antonia Menezes Garcia e do farmacêutico e servidor público Antonio Garcia Sobrinho. Antonio Garcia Filho estudou no Colégio Tobias Barreto e no Atheneu Sergipense, tendo, em seguida, ingressado na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1941 e, voltando à capital sergipana iniciou suas atividades como médico na Rede Ferroviária Leste Brasileiro.

Em 1945 atuou como Clínico Geral e Diretor Clínico no Hospital Santa Isabel, introduzindo um novo método de anestesia com intubação traqueal, conhecimento este adquirido durante seu estágio no Serviço de Anestesia do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro.

Atuou também nos jornais de Sergipe, onde dirigiu o Correio de Aracaju e a Gazeta Socialista, além de ter colaborado com diversos jornais locais como O Nordeste, Correio da Manhã e no jornal da Diocese de Aracaju A Cruzada, tornando-se, por isso, membro da Associação Sergipana de Imprensa. Ajudou a fundar a Sociedade de Cultura

Franco-Brasileira, de Sergipe, foi eleito o orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e ainda Presidente de Honra do Clube de Imprensa, Rádio, Letras e Artes Plásticas de Sergipe.

No campo político, era partidário do Partido Socialista Brasileiro - PSB, por onde se se elegeu vereador por Aracaju, em 1947. Foi o primeiro Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe no governo do seu irmão Luiz Garcia. Nesta oportunidade, junto com o jornalista Junot Silveira, Secretário Particular do Governador, fundou o Museu Histórico de Sergipe localizado na cidade de São Cristóvão.

Foi membro da Academia Sergipana de Letras, onde ocupou a cadeira nº 1, cujo patrono foi o intelectual Tobias Barreto de Menezes. Com objetivo de reunir obras literárias em torno da Academia de Letras fundou, nesse mesmo período, o MAC – Movimento de Apoio Cultural que, após sua morte, passou a receber o seu nome. Entre estas obras encontram-se, sob sua autoria, “Um Pensamento na Praça”, de 1950, onde demonstra toda sua versatilidade criativa e literária, onde não faltam conceitos atuais, apesar de ter sido escrito nos anos 50. Na segunda parte da obra o autor reúne excertos de pronunciamentos e trabalhos sobre personalidades sergipanas. Sua segunda obra, publicada em 1966, “A Reabilitação em Sergipe”, ele enfoca a criação, os propósitos e o funcionamento do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”¹, uma Instituição voltada para uma proposta educacional de indivíduos deficientes e para os ditos “normais” além da preparação destes para o mercado de trabalho.

Foi Presidente da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE), no período de 1960 a 1962 e um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina deste Estado. Também esteve entre os fundadores da UNIMED e ainda participou da fundação da Sociedade de Anestesiologia do Estado de Sergipe (SAESE).

Ainda idealizou, fundou e presidiu, por mais de 10 anos, o primeiro Centro de Reabilitação Física de Sergipe, à época o terceiro do Brasil, ao qual chamou de Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Fundou, com outros colegas, a Faculdade de Medicina de Sergipe, em 1961, sendo seu primeiro diretor por oito anos consecutivos. Lecionou a disciplina de Bioquímica e foi o primeiro professor de Anestesiologia. Ainda atuou

¹ “Centro de Reabilitação Ninota Garcia”, porque foi uma homenagem à esposa do governador Luiz Garcia. Seu verdadeiro nome era Maria Emília Garcia, mas ficou conhecida como “Ninota Garcia”.

como professor de nutrição da Faculdade Católica de Serviço Social. Quando a Universidade Federal de Sergipe foi criada ele foi nomeado seu primeiro Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, quando aproveitou a oportunidade para fundar o Festival de Artes de São Cristóvão. Por suas ações, recebeu da Universidade Federal de Sergipe o honroso Título de Professor Emérito.

Seguindo uma linha de intelectual múltiplo, Antonio Garcia Filho, quando presidente do Conselho Estadual de Cultura, junto com outros intelectuais, criou o Encontro Cultural de Laranjeiras. Além de poeta foi também compositor de músicas. É o autor da letra do Hino do 28º Batalhão de Caçadores e do Hino da cidade de Rosário do Catete e é dele também a letra e a música de “Aracaju, uma estrela”, vencedora do concurso público “Uma canção para Aracaju”, promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju na administração do prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar.

2- O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SERGIPANA

Até o início da década de 1990 os estudos de História da Educação em Sergipe foram feitos como iniciativa individual dos pesquisadores, com especial destaque à contribuição da historiadora Maria Thétis Nunes. Sozinha, a partir da sua atuação no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, ela publicou entre os anos de 1962 e 1998, vinte e dois trabalhos importantes sobre o tema. Em seu livro “História da Educação em Sergipe” publicado em 1984, a autora apresenta a única síntese produzida até hoje sobre o assunto, tornando-se referência obrigatória dentre os estudos sergipanos da área, onde relaciona o processo econômico no Estado (ou província) ao desenvolvimento Educacional. Sua análise é profunda o suficiente para alcançar muitos e interessantes aspectos da educação, inclusive sua definição como sendo:

[...] um fato social e, assim, ligada à estrutura sócio-econômica vigente, o que, porém, não impede que com ela entre em confronto e a possa superar no decorrer do processo histórico. Não a encaro como um dado preestabelecido, mas variando segundo as condições sócio-político-econômicas vividas por um povo no decorrer de sua evolução. (NUNES, 1984:13).

Alguns dos acontecimentos que ocorriam no âmbito da educação no século XIX em Sergipe refletiam a mesma realidade encontrada no Brasil. A exemplo da

desigualdade de direitos dos cidadãos à educação, dito de outra forma, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso à instrução escolar, e esta era representante direta das classes mais favorecidas economicamente.

O desenvolvimento econômico não encabeçava a distribuição igualitária dos serviços públicos, a população e a educação estava longe do atual discurso da democratização.

Todo sistema educacional é parte integrante da organização de uma sociedade. Todos os seus componentes devem estar mutuamente dependentes, em sincronização. Assim, não aconteceu no Brasil império. Cada Província desenvolvera o ensino primário e secundário sem plano definido, segundo as contingências do momento e os interesses dos grupos no poder. Daí o fracasso de alguns estadistas que tentaram, na administração das Províncias, reformas que se chocavam com a realidade social dominant. (NUNES, 1984:168).

Em termos de ensino profissionalizante sergipano, Nunes (1984) afirma que o pioneiro nessa área foi o presidente Manuel Clemente Cavalcanti de Albuquerque, que governou Sergipe de março de 1825 a novembro 1826. Ele criou oficinas para a formação de ferreiros, letreiros, coronheiros e sapateiros.

No seu início, Aracaju era uma cidade pequena e pouco desenvolvida, tornando-se difícil até instituir um curso regular secundário, quanto mais de nível técnico. Os jovens mais abastados estudavam em centros mais desenvolvidos. Nunes (1984) cita que o governo provincial ofereceu bolsas de estudo para qualquer senhora que se obrigasse a estudar, durante dois anos na Bahia para vir a ensinar em Sergipe. Não apareceram candidatas. Em 1868, foi criada a Companhia de Aprendizes de Marinheiros em Sergipe para atender às crianças abandonadas, ensinando-lhes um ofício.

Em 1910, ainda segundo Nunes, surge à criação da Escola de Aprendizes Artífices, que ensinava em Sergipe alfaiataria, ferraria, marcenaria, sapataria e selaria e funcionava na esquina da Rua Lagarto com Maruim. Em 1937 as Escolas de Aprendizes passam a denominar-se LICEU. Em Sergipe, passa a escola passa a chamar-se Liceu Industrial de Aracaju e em 1942 passa a denominar-se Escola Industrial de Aracaju.

2.1 O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”: saberes médicos na construção da educação e da cidadania.

Assim como a professora autora Maria Thétis Nunes, Antonio Garcia Filho também se destacou no contexto educacional sergipano com sua atuação no magistério e com a fundação do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Sua inauguração ocorreu no dia 24 de junho de 1962, com ampla divulgação na imprensa local.

Considerada uma iniciativa avançada para a época, a Instituição era dirigida pela própria família Garcia, mantida através de convênios com a então Secretaria de Educação, Cultura e Saúde e de doações da União Sergipana de Assistência (USA), sendo esta responsável por uma contribuição financeira mensal, estabelecida de acordo com as necessidades do centro. Contava, também, com recursos oriundos de doações, de campanhas, de taxas de inscrições em seus órgãos ou serviços e, ainda, da comercialização de trabalhos ou produtos de seus alunos, mestres e simpatizantes. (GARCIA FILHO, 1966).

Quanto as suas dependências logo após a sua inauguração o centro estava dividido em 3 setores: O setor administrativo, composto pelo Gabinete do Diretor, a secretaria e a sala de reuniões, o setor educacional com as escolas de surdos-mudos, oficinas de artes industriais e a sala de terapia educacional e por fim, o setor de tratamento e recuperação estruturado com o ginásio de fisioterapia, a sala de hidroterapia, quartos de repouso, refeitório, gabinete médico, gabinete do psicólogo e o gabinete do assistente social.

A princípio, segundo Garcia Filho, o “Ninota” funcionou como escola para surdos, deficientes intelectuais e cegos, mas atendiam também crianças “ditas” normais com a oferta da educação infantil. A educação dos deficientes funcionou como uma espécie de fundação mantida especialmente por recursos públicos.

O símbolo da instituição a valorizava. Era formado por 3 linhas, uma reta, uma curva e outra quebrada. Conforme explica o próprio Garcia Filho:

A linha reta simbolizava os sãos, a curva os deficitários recuperáveis e a linha quebrada os irrecuperáveis de seus defeitos físicos, porém ajustáveis nas suas potencialidades restantes. Juntas, as linhas representam o convívio social numa distribuição de posição e forças que assegure um perfeito equilíbrio. Dispostos estão em ofertório, para cima, melhor direi para o alto, ou, mais precisamente, para DEUS (GARCIA FILHO, 1966:57).

De acordo com o Art.1º do Regimento do “Ninota” a instituição é um órgão de assistência especializado, idealizado e construído pelo Estado de Sergipe e pela União Sergipana de Assistência que a mantém sob a forma de convênio e tem por finalidades:

- a. Recuperação em geral dos deficitários físicos atingidos pelas seqüelas da paralisia infantil, acidentes de trabalho, acidentes vâsculo-cerebrais ou defeitos congênitos que prejudiquem sua capacidade física, dentro das possibilidades da ciência e da vontade de DEUS;*
- b. Educar ou re-educar deficitários físicos, cegos e surdos-mudos;*
- c. Reabilitação em geral dos deficitários físicos de qualquer idade, sexo, raça, religião, etc.; para reintegrá-los na sociedade, intelectual, moral, emocional e social, ensinando-o a viver de maneira independente e útil a si, aos seus e a sociedade, dentro das suas limitações físicas;*
- d. Criar e manter escolas de diferentes graus e tipos que visem à instrução, educação e re-educação, inclusive profissional;*
- e. Promover os meios de re-educação social e re-emprego para os deficitários reabilitados;*
- f. Manter os reabilitados em FOLLOW-UP orientado por setor especial. (GARCIA FILHO, 1966:65).*

De acordo com o artigo 2º de seu Regimento, a instituição teria ao seu encargo, além dos serviços de reabilitação que lhes são específicos, setores de Educação pré-primária, primária, profissional e um Setor de Emprego e Apoio Social. Com relação à profissionalização, o Centro compreendia “[...] ser esta a fase mais importante da reabilitação, [...] com esse escopo atinge a Reabilitação o seu total objetivo”. (GARCIA FILHO, 1966:173).

É importante mencionar o artigo 6º, parágrafo 1º do Regimento quando cita que “[...] o Diretor Geral será sempre um médico com conhecimento de reabilitação e integrará a Equipe Técnica” (Garcia Filho, 1966:67). O Dr. Antonio Garcia deixa evidente sua concepção de educação atrelada à Medicina, afirmando:

O ensino em jardins de infância, Pré-Primário e Primário nos seus diversos ramos de classe, trabalhos manuais, artes industriais (cerâmica, madeira, metal, cestaria, couro, tapeçaria, mosaico, desenho, cartazes e etc) ou especializado (cegos, surdos-mudos, excepcionais), embutidos num Centro de Reabilitação e dele fazendo parte integrante dão a continuidade do tratamento, a observação do progresso em cada caso e, por si mesmos, constituem, por assim dizer, terapia ocupacional ampla em todos os setores físicos, intelectual, mental, social e religioso (GARCIA FILHO, 1966:48).

O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” prestava os seguintes serviços à sociedade sergipana: serviço médico, serviço social, fisioterapia, terapia ocupacional e atendimento psicológico e orientação vocacional. Com relação à área educacional oferecia: jardim de infância, oficinas de artes industriais, escola para a educação de surdos e escola para a educação de cegos. No entanto, a organização do programa da

escola de surdos do “Ninota” compreendia o pré-primário (educação infantil), a primeira e a segunda série do primário (ensino fundamental). Nos itens dos programas, constavam linguagem e conhecimentos gerais, orientação metodológica, compreensão de fala, matemática e treinamento da fala (ibidem, 1966).

Segundo Garcia Filho, as práticas culturais, principalmente as comemorações da escola, envolviam as comunidades de seu entorno. Como o “Ninota” tinha poucos alunos, as escolas os convidavam para participar dos festejos juninos, com cortejos de carroças e apresentação de quadrilhas. Tais ações na área, criações e realizações tornaram Antonio Garcia Filho um dos maiores e mais conhecidos médicos sergipanos.

2.2- A fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe: uma luta político-social

A Faculdade de Medicina de Sergipe surgiu em um contexto político de oligarquia, ou seja, onde poucos governavam e, “(...) tudo que não brotasse da vontade, da ação ou da permissão de homens e mulheres da oligarquia, não era bem recebido” (Conde Garcia, 2008:31). Desta forma, essa classe minoritária comandava os destinos e imprimiam o ritmo social de Sergipe.

A vontade da fundação de uma Faculdade de Medicina, segundo Conde Garcia (2008), já imperava desde o governo de Dr. Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955), quando um grupo de médico criou a Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina de Sergipe que tinha por finalidade instalar e manter uma escola de Medicina em Sergipe. No entanto, apesar da idéia ter sido bem aceita pela população, o projeto não saiu do papel ficando apenas na fase de aprovação e registro dos Estatutos da referida Fundação.

Após as eleições de 1955, onde o Dr. Leandro Maynard Maciel se elegeu governador do Estado, o movimento iniciado pela Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina esfriou completamente, que perdurou por todo seu mandato. Somente na eleição seguinte de 1959, com a candidatura e vitória de Luiz Garcia para governo de Sergipe que a Faculdade de Medicina deixou de ser uma idéia e passa a ser uma realidade. O então Governo de Sergipe criou a Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Saúde e convidou ser irmão, Antonio Garcia Filho, a assumir o cargo. Foi

com o apóio de Antonio Garcia que a Faculdade se tornou uma realidade (CONDE GARCIA, 2008).

Quando Antonio Garcia chegou ao cargo supramencionado, o Estado de Sergipe contava com cinco Instituições superiores: a Faculdade de Química e a Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis, ambas mantidas pelo Estado de Sergipe; a Faculdade de Filosofia e Letras e a Faculdade de Serviço Social, mantidas pela Igreja Católica e a Faculdade de Direito mantida pelo Governo Federal.

No entanto, o Secretário de Estado da Educação, Cultura e Saúde percebeu que faltava uma sexta escola superior para Sergipe que, pela exigência da lei, teria de ser Medicina ou Engenharia. Conforme afirmado pelo seu filho Conde Garcia em sua obra “Antonio Garcia Filho e a Faculdade de Medicina de Sergipe: criador e criatura”, sendo seu pai “Médico devotado, clínico e anesthesiologista de renome, logo tomou como prioridade para a sua gestão [...], a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe. Para isso dispunha de talento, vontade e força política” (Conde Garcia, 2008:35). Neste período, Antonio Garcia também era Presidente da Sociedade Médica de Sergipe, que muito facilitou e contribuiu para agilizar o processo da fundação da Faculdade. O fato de o Dr. Benjamin Carvalho, amigo de Antonio Garcia e do Governador, ter sido presidente da Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina e “[...] por sua habilidade em tratar problemas e por sua maneira polida e culta” também contribuiu muito para agilizar este processo (ibidem: 36).

Apesar das dificuldades, o Secretário de Estado da Educação, Cultura e Saúde entendeu que aquele era o momento ideal para a realização do suntuoso projeto, justamente pelo fato do apóio decisivo do Governo do Estado, seu irmão Luiz Garcia, e os demais colegas e facilitadores a exemplo dos seus colegas médicos Benjamin Carvalho, Lourival Bomfim, Walter Cardoso e Lauro Porto.

Mais um passo foi dado. Com a preocupação de preparar e mobilizar a sociedade para a Faculdade de Medicina, Antonio Garcia criou, com o apóio do Núcleo Estudantil Pró-Universidade de Sergipe (NEPUS), o primeiro curso preparatório para vestibular do Estado e assim o denominou de Curso Pré-Vestibular “Dr. Oscar Nascimento”. Atuou como um dos professores, lecionando a disciplina de Química e ainda conseguiu a visita de um emissário do Ministério da Educação a então referida Instituição. Conde Garcia enfatiza a importante atuação de seu pai para a fundação da Faculdade:

[...] não se furtou em colaborar para preparar a juventude do seu Estado, a fim de que ela pudesse usufruir a Faculdade de Medicina que decidira criar. Como se não bastassem suas atribuições de gestor público e de médico com grande clientela, Antonio Garcia Filho ministrou aulas de Química no citado curso pré-vestibular. Aliou-se aos seus diletos amigos Lourival Bomfim e Hercílio Cruz, também conscientes da importância social e histórica do processo em que estavam envolvidos, e prepararam uma plêiade de jovens talentosos que depois vieram a se formar pela Faculdade de Medicina de Sergipe. (CONDE GARCIA, 2008:39).

Alguns desses alunos quando formados, decidiram sair da capital aracajuana e partiram para o mercado de trabalho em outras cidades, a exemplo do Dr. Jairo Fontes Sampaio que exerceu a atividade de anestesiológico na cidade de Niterói no Rio de Janeiro.

O Governador Luiz Garcia decidido a apoiar a Faculdade de Medicina destinou anualmente uma verba para as despesas que o ensino exigia. Por não ter uma sede, Antonio Garcia sugeriu ao governo do Estado a construção de um prédio próximo ao Instituto Parreiras Horta com o objetivo de sediar provisoriamente a Faculdade. Luiz Garcia também colocou a disposição da Faculdade os laboratórios de Bioquímica e de Microbiologia do referido Instituto.

Quanto a Faculdade de Medicina, Conde Garcia, afirma que:

[...] Antonio Garcia Filho foi além do sonho. Ele foi seu FUNDADOR, aquele que realmente concretizou a idéia de se ter uma escola desse pote. Por isso, merece ser reconhecido como tal. É verdade que contou com a ajuda de amigos e idealistas, mas se não foi ele o primeiro a pensar na faculdade, foi dele que brotou a atitude, o trabalho e a persistência para que a obra nascesse. “Deus quer, o homem sonha e a obra nasce, conforme Fernando Pessoa”. (CONDE GARCIA, 2008:46).

As dificuldades estavam só começando. O desafio agora era o ensino das ciências básicas na Faculdade e montar e preparar o quadro docente. Assim, Antonio Garcia e seus colegas Lourival Bomfim e Volmer Bomfim fizeram cursos de preparação para professores em outras Universidades. Antonio Garcia preparou-se para lecionar a disciplina de Bioquímica enquanto Lourival ficou com o ensino da biofísica e Volmer com Farmacologia. Outros colegas aceitaram o desafio a fim de completar o quadro docente, enquanto outras disciplinas eram ministradas por professores convidados de outras Universidades, inclusive do exterior.

Em 21 de janeiro de 1960 foi eleita a primeira Diretoria da Faculdade, sendo Antonio Garcia Filho nomeado ao cargo como o primeiro Diretor da Instituição.

Depois de três anos de funcionamento da Faculdade nas dependências do Instituto Parreiras Horta, Antonio Garcia Filho sugeriu sua transferência para o Hospital Cirurgia. A Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina de Sergipe havia fundido com o Hospital Cirurgia o que acabou resultando na criação da Fundação do Ensino Médico de Sergipe. Vale ressaltar que, a Faculdade de Medicina não usufruiu gratuitamente das dependências deste hospital, sendo o governo do Estado responsável pelo pagamento do aluguel das áreas utilizadas.

Conde Garcia (2008) afirma em sua obra que: “Com a sua Faculdade de Medicina, Antonio Garcia Filho permitiu que a Universidade Federal de Sergipe fosse criada. E ele esteve entre os líderes dessa nova batalha...”(Conde Garcia, 2008:109). Hoje, a faculdade de Medicina encontra-se consolidada no curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe.

A concretização desse projeto foi tão importante na vida de Antonio Garcia que, durante uma entrevista concedida em dezembro de 1990 quando o jornalista Osmário Santos do Jornal da Cidade pergunta-lhe: “Uma realização?” e o entrevistado prontamente respondeu: “A Faculdade de Medicina de Sergipe”. Neste ano, Antonio Garcia havia completado seus 74 anos de idade.

Conde Garcia encerra sua obra recitando um texto, fruto de um ofício-circular em fevereiro de 1968, encaminhado por Antonio Garcia Filho ao Presidente da Fundação do Ensino Médico ao final dos seus oito anos de mandato como Diretor da Faculdade de Medicina de Sergipe em que: “A vitória é dupla: A Faculdade de Medicina de Sergipe como realidade irreversível e, por causa dela, a instalação da Universidade Federal de Sergipe” (CONDE GARCIA, 2008:113).

A trajetória do pai, tão bem retratada pelo filho, encerrou-se nos seus 83 anos, no dia 22 de junho de 1999, em Aracaju/SE.

3- CONCLUSÃO

A escrita (auto)biográfica tem sido, desde suas origens, um dos refúgios do eu, e, por isso, da memória pessoal. No campo da História da Educação, a biografia vem ocupando um espaço para o sujeito, não para o indivíduo como ser isolado, mas para as suas subjetividades ora relacionada ao pessoal, ora ao cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, descrever a figura do médico, professor e entusiasta da reabilitação física e da medicina em Sergipe não se constitui tarefa fácil. A importância de Garcia Filho no contexto acadêmico e na área da saúde do estado transcende qualquer análise, por mais apurada que seja, pois sua atuação transcende o magistério e a medicina, ela perpassa a política e na cultura, em seus múltiplos aspectos.

Garcia foi um homem que viveu intensamente o seu tempo e concretizou seus ideais. Em meados da década de 50, colegas seus tentaram fundar uma Faculdade de Medicina em nosso Estado, mas não conseguiram. A história mostra que ela só foi possível quando Antonio Garcia, no comando da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde propiciou todos os meios e superou todos os obstáculos para atingir esse objetivo, assim como quando criou o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”.

Esse estudo mais do que enaltecer ou relembrar as ações do professor e médico Antonio Garcia Filho e de mostrar a importância da biografia para a História da Educação, teve o objetivo de identificá-lo, a luz da noção de intelectual de Sirinelli (1996), um intelectual criador, que atuou em vários campos e que soube valer-se das oportunidades existentes e criar as que ainda não estavam postas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antonio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1988.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

GARCIA FILHO, Antonio. **A Reabilitação em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966.

GARCIA FILHO, Antonio. **Um pensamento na praça**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1995.

CONDE GARCIA, Eduardo Antonio. **Antonio Garcia Filho e a Faculdade de Medicina de Sergipe: criador e criatura**. Aracaju: SERCORE Artes Gráficas, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida

programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 21-40.

LE GOFF, Jacques. **História Nova**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Maria do Socorro. **República, política e direito**: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto. São Cristóvão, 2008. 301 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2008.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Paz e Terra. Governo do Estado de Sergipe. UFS, 1984.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **O que você precisa saber sobre História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

SANTANA, A. S.; DIAS, L. A. P.; GOMES, P. A. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**: séculos XIX e XX. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTOS, Osmário. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX**. Organização de Afonso Nascimento. Aracaju: Gráfica JAndrade, 2002. 824p.

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da medicina ao magistério**: aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior. São Cristóvão, 2008. 292 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2008.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMONO, René (Org.). **Por uma história Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. Elites Culturais. In: RIOUX, Jean Pierre. **Por uma história cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1997.